

FACULDADES INTEGRADAS IPEP
CENTRO DE ESTUDOS EM SEGURANÇA PÚBLICA E DIREITOS HUMANOS
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO POLICIAL CONTINUADO

Davi Vieira dos Santos

Cães de Guerra: Evolução do Uso dos Cães Militares

Cotia/SP

2021

Davi Vieira dos Santos

Cães de Guerra: Evolução do Uso dos Cães Militares

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Paulista de Ensino e Pesquisa - IPEP como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Pós Graduação em Cinotecnia Policial.

Coordenador do Curso: Prof. Dr. Eduardo Cava Leanza
Orientador: Prof. Cassio Fernando Santos Rocha

Cotia/SP

2021

Davi Vieira dos Santos

Cães de Guerra e Militares

Data de Aprovação: ____/____/____

Nota Final: _____

Banca Examinadora:

Prof.

Coordenador do Curso

Instituto Paulista de Ensino e Pesquisa

Prof.

Orientador do Curso

Instituto Paulista de Ensino e Pesquisa

Prof.

Orientador do Curso

Instituto Paulista de Ensino e Pesquisa

Prof.

Convidado (se houver)

Instituição: _____

O cão e o treinador são levados por um respeito e um amor recíprocos. Sua divisa é: “Eu e você para eles”.

General Jean-Louis Esquivié

RESUMO

O presente artigo objetiva a apresentação do emprego do cão nas atividades Militares, percorrendo por entre a utilização dos cães como uma ferramenta de caça, proteção e sobrevivência por seres humanos da antiguidade, sendo considerado o primeiro animal a ser domesticado pelo homem.

Nas guerras, lutaram bravamente como cães soldados, combatendo na linha de frente aos inimigos, munidos de fogo, lanças, além de seus imponentes portes físicos. Com o passar dos anos, as necessidades de combate se alteraram e os armamentos foram aperfeiçoados, todavia, os cães não perderam sua utilidade. Como farejadores, auxiliaram no encontro de emboscadas, soldados feridos e auxiliaram em situações adversas.

Atualmente, o emprego dos Cães Militares se mantém com enfoque no uso do faro e da força, atuando nas esferas de encontro de substâncias ilícitas como entorpecentes e materiais explosivos, no encontro de pessoas feridas em situações de risco e na contenção e intimidação de suspeitos.

Palavras-chave: Cães de Guerra, Cães Militares, cães como ferramenta na defesa à vida.

ABSTRACT

The present article seeks to presentation of the use of Dogs in Military activities, as well as their employment in it, in which they are used as a hunting, protection and survival tool by ancient human beings, being considered the first animal to be domesticated by man.

In wars, they fought bravely like soldier dogs, fighting on the frontlines against enemies, armed with fire, steel spears, in addition to their imposing physical bearings. Over the years, combat needs and the mode of attack have changed, as well as weaponry have been perfected. However, dogs have not lost their usefulness. Acting as sniffers, they helped to find traps, wounded soldiers and different dangerous situations.

Nowadays, the use of Military Dogs remains focused on the use of nose and force, working in areas of search for illicit substances such as narcotics and explosive materials, finding people injured in risky situations and containing and intimidating suspects.

Keywords: War Dogs, Military dogs, Dogs as a tool in the defense of life.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1 - Grupo de lobos (Canis lúpus).....	8
Fotografia 2 - Os cães sanitários, Suplemento ilustrado do Petit Journal, 18 de abril de 1915.	10
Fotografia 3 – Cão Buldogue: raça descendente de Molossos de Epira, cães de guerra.	11
Fotografia 4 - Diana caçadora Escola de Fontainebleau (França) Paris, Museu do Louvre, Paris.	12
Fotografia 5 - Tabela síntese emprego do Cães de Guerra.....	14
Fotografia 6 - Cão na atividade de farejamento acompanhado de seu instrutor.	17

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1 DOMESTICAÇÃO DO CÃO PRIMITIVO	8
2 EMPREGO DO CÃO DE GUERRA.....	10
3 EMPREGO DOS CÃES NAS ATIVIDADES MILITARES	16
CONCLUSÃO.....	19
REFERÊNCIAS	20

INTRODUÇÃO

A utilização dos cães nas guerras provém de uma aliança admirada desde os primórdios da civilidade. Neste artigo será possível compreender como tal vínculo se compôs, baseando suas argumentações em pesquisas e leituras de materiais desenvolvidos com o intuito de promover e difundir informação.

Pretende-se com o desenvolvimento deste trabalho indicar ao leitor paulatino as origens, a história e a atual utilização dos cães na área da segurança, percorrendo por entre o emprego dos cães na caça, na guerra e na atual conjuntura militar, sempre apontando à valorização e reconhecimento dos benefícios que sua dedicação e entrega trouxeram à humanidade.

Para que tal objetivo encaminhe-se, o presente artigo divide-se na apresentação dos conceitos mais atuais acerca da domesticação do cão primitivo, passando para a utilização dos cães nas guerras e finalizando com a apresentação da atual utilização dos cães em serviços militares.

Com o desenvolvimento deste artigo, fora denotada a carência de informações e estudos contundentes acerca da prática da utilização dos cães em serviços militares, havendo poucos materiais que exponham dados quantitativos sobre a eficácia da atuação dos cães, custos ao Estado, e balanceamento dos aspectos positivos e negativos com respeito à temática abordada.

1 DOMESTICAÇÃO DO CÃO PRIMITIVO

É indubitável que os cães são a espécie animal mais fiel, companheira e útil no processo de desenvolvimento humano. A domesticação do cão primitivo, demonstra sua ocorrência por volta de 15 (quinze) à 20 (vinte) mil anos atrás (LOPES, K.; SILVA, A., 2012). Acredita-se que seu ascendente, o lobo conhecido como *Canis Lupus Pallipes*, ou ainda, segundo alguns estudiosos, a espécie Chacal, habita a Terra há cerca de 100.000 (cem mil) anos. (SAKATA, 2015). O processo de domesticação ocorreu de maneira gradual, implicando na fuga das características selvagens e silvestres dos cães, sendo além da mudança de comportamento, possível identificar por meio de pesquisas morfológicas e biologia molecular a diferenciação genética entre lobos e cães, antes mesmo de os cães primitivos serem considerados efetivamente “domesticados” (SILVA, D. 2011).



Fotografia 1 - Grupo de lobos (*Canis lúpus*).

Fonte: Enciclopédia do cão (2001).

Acredita-se que a troca mútua que ocorrera entre humanos e cães foi o que resultou na parceria apreciada ao longo de milhares de anos; recebiam comida, alimentação e proteção e ofereciam sua aliança na caça e defesa para a comunidade humana. Tal processo ficou conhecido como “domesticação”, ocorrendo nos períodos neolítico e paleolítico acompanhando a crescente

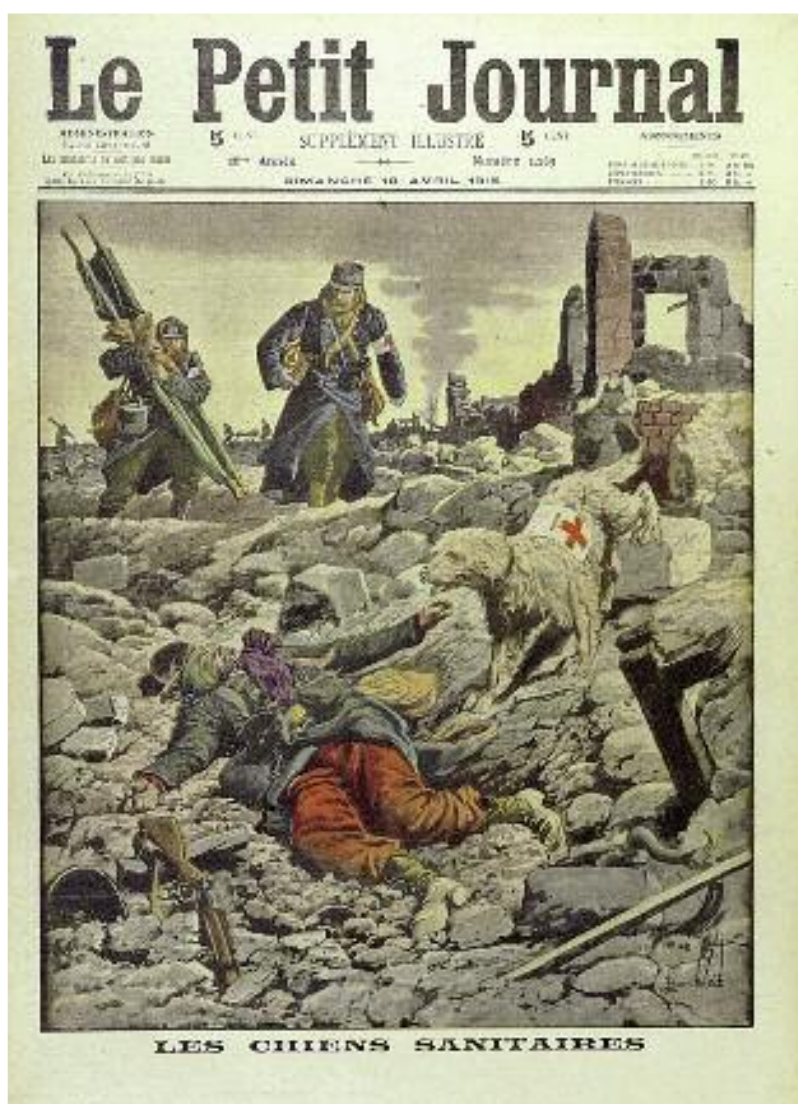
agrária. Com isso, o cão passou a ser o primeiro animal a ser domesticado pelo homem.

Segundo Danilo Pereira Silva (2011), registros arqueológicos sustentam a hipótese da origem dos cães tais como os que se são conhecidos hoje, ter ocorrido no Oriente Médio devido a ascensão civilizatória na região, mais precisamente na região conhecida como Crescente Fértil, sendo amplamente difundida como berço da agricultura humana.

Demonstrada sua força, fidelidade e submissão aos humanos, o cão passou a ocupar uma posição de destaque como agente de proteção da comunidade e auxiliador de caça (NOTOMI, Márcia Kikuyo. et al., 2020), sendo utilizado desde então nas guerras e confrontos territoriais como um forte aliado, devido a preservação genética de seus instintos de caça, olfato, visão e sua anatomia única.

2 EMPREGO DO CÃO DE GUERRA

Desde os primórdios da humanidade, o cão destacou-se como fiel companheiro e auxiliador às necessidades humanas. Embora tais exigências tenham mudado com a evolução das ferramentas de guerras e a chegada de uma nova sociedade que se constituía, o cão manteve-se em exímio serviço mais uma vez, atuando nas mais diversas esferas de proteção e nos combates travados pelos homens.



Fotografia 2 - Os cães sanitários, Suplemento ilustrado do Petit Journal, 18 de abril de 1915.

Fonte: Enciclopédia do Cão (2001).

A partir do século XIII antes de Cristo se conhece o cão ocupando a posição de combate. Segundo a Enciclopédia do Cão (2001):

O adestramento desses cães era simples: seu papel consistia em exterminar os exércitos inimigos, inclusive homens e cavalos. No decorrer dos séculos, seriam confeccionados sistemas de couraças revestidas de pontas cortantes ou de lâminas de foice de gume, coleiras com pontas e até mantos em couro recobertos de uma substância facilmente inflamável: os cães assim transformados em verdadeiras máquinas de guerra deveriam dispersar cavalos e soldados de infantaria (...).

(ENCICLOPÉDIA DO CÃO; 2001, p. 400).

Tal poder de mortalidade dos cães se deve, além dos armamentos que lhes eram impostos, ao seu grande porte físico. O cão empregado à época, Molosso (Molossus) é atualmente extinto e atingia cerca de 70 a 75cm, possuindo potentes mandíbulas com grande poder de destruição. Seu desaparecimento em meados do século XIX ocorre concomitantemente ao amplo desenvolvimento das armas de fogo, dando espaço aos cães sentinelas, não mais utilizados em linha de frente em batalhas, mas servindo à defesa e à guarda dos fortes e cidades. (Enciclopédia do Cão, 2001).



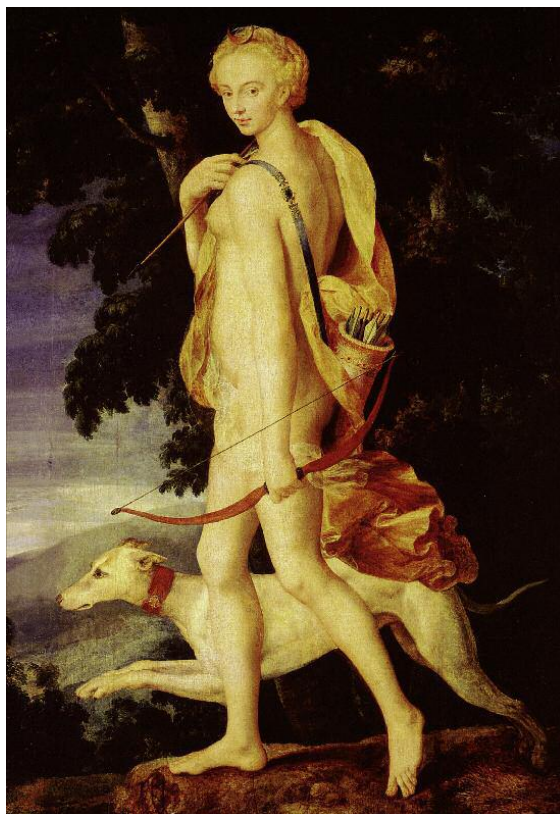
Fotografia 3 – Cão Buldogue: raça descendente de Molossos de Epira, cães de guerra.

Fonte: Enciclopédia do cão (2001).

Acerca da utilização de cães em serviços nas guerras, Olavo Bilac (1917), na plenitude da Segunda Guerra Mundial, diz:

Inestimáveis são os serviços que o cão presta ao homem na guerra. Sabemos ser proverbial a qualidade de distingue este animal de todos os outros, no tocante às suas relações com o homem, e este tem sabido tirar proveito desta qualidade, adestrando-o para missões úteis na guerra. (BILAC, OLAVO; 1917, p. 75.)

Nos combates, abandonando a linha de frente e dando lugar às armas, passaram a atuar na busca por pessoas como cães rastreadores, devido ao seu grande poder olfativo, representado por cerca de 200.000.000 (duzentos milhões) de células olfativas (à nível de comparação, o ser humano possui em torno de 5.000.000 (cinco milhões)). Esta função vinha sendo difundida na América por Cristóvão Colombo, que na ânsia de exterminar os povos indígenas, adestrava seus cães para que, incitados pela dor, exterminassem seus inimigos. Posteriormente, tal prática fora adotada por espanhóis para a contenção de escravos fugitivos. (Enciclopédia do cão, 2001; SIQUEIRA, W. N, 2010).



Fotografia 4 - Diana caçadora Escola de Fontainebleau (França) Paris, Museu do Louvre, Paris.

Fonte: Enciclopédia do cão (2001).

Além do rastreamento de inimigos, os cães serviam aos humanos como meio de comunicação. Na antiguidade, os Molossos já citados, ingeriam as mensagens destinadas aos seus inimigos. Chegando ao seu destino, eram sacrificados, cumprindo assim sua missão. Todavia, este era um processo demasiadamente caro aos quem os enviava, tornando-se ao longo dos tempos, uma ferramenta inviável devido ao alto custo. Apenas no século XVIII, este método voltou à prática durante a guerra dos Sete Anos, originando os cães de transmissão e ligação. Com o aperfeiçoamento do método ao longo dos anos, os cães não necessitariam mais serem entregues em sacrifício, mas carregariam mensagens abertas e de fácil decifração. Referindo-se aos cães mensageiros, Olavo Bilac (1917) diz:

(...) O emprego do cão como mensageiro é muito vantajoso no âmbito dos Batalhões ou Regimentos. A mensagem é colocada em um tubo especial de metal, que a protege." (BILAC, OLAVO; 1917, p. 82).

Devido ao seu grande porte físico, os cães eram ainda capazes de transportar cerca de 7kg. Logo, os cães de carregadores foram amplamente utilizados no transporte de armas e munições leves, sendo preferíveis aos cavalos devido a sua maior resistência aos perigos das trincheiras. Concomitantemente a este processo, os exércitos alemães e belgas utilizavam seus cães como puxadores de seus trenós, todavia, não sendo muito difundido entre os povos devido à grande controvérsia acerca da capacidade dos cães tracionarem objetos demasiadamente pesados. Outros cães ainda, transportavam em um recipiente formulado de bronze, uma chama de resina ardente. Estes eram treinados para correrem embaixo dos cavalos inimigos e incendiarem seus campos.

Apesar de sua presença contínua nas guerras, é apenas na Segunda Guerra Mundial que os cães ganham um papel de efetivo e de reconhecido destaque, constando uma participação de cerca de 200.000 (duzentos mil) cães Alemães advindos do centro de treinamento Kummersdorf, enquanto na Primeira Guerra haviam cerca de 75.000 (setenta e cinco mil) cães alistados de diversos países.

Em 1942 (...) o Congresso Americano aprovou o Dogs for Defense Inc., um programa de incentivo à doação de cães a fim de serem treinados para o esforço de guerra. Em

1943, foi criado o Corpo K-9, através do qual cerca de 11 (onze) mil cães foram treinados e incorporados ao combate. (GUERREIRO, ABIARU; 2017, p. 37).

Chamados de cães discípulos, eram treinados para encontrarem feridos, prática já vista em civilizações antigas, mas embasada na crença de que a saliva dos cães possuía o poder de cura. No século XX, os cães quando encontravam feridos, levavam até os socorristas um objeto do soldado ou que o representasse, soando um alerta e os indicando o local de encontro do ferido. (Enciclopédia do cão, 2001; SAKATA, 2015).

Acerca da quantia de Cães de Guerra nas épocas referidas, Thiago Alves de Andrade (2019) sintetiza com a seguinte tabela:

<i>Ano/ época</i>	<i>Quantidade de cães</i>	<i>Tipos de missões</i>
Primeira Guerra Mundial (1914-1918)	6.000	sentinela, mensageiros e busca de feridos
Segunda Guerra Mundial (1939-1945)	10. 425	sentinela, patrulha, carga e tração
Guerra do Vietnã (1955-1975)	4.000	patrulha, fardo de rastro, detecção de minas e túneis
Guerra da Coreia (1950-1953)	1.500	sentinela e patrulha
Atualmente em bases americanas	Cerca de 2.000	patrulha, segurança e sentinela

Fotografia 5 - Tabela síntese emprego do Cães de Guerra

Fonte: A seleção e o adestramento do pastor belga de malinois para a entrada tática e operações de contraterrorismo (2019).

No pós-guerra, as criações e ampliações de centros de adestramentos foram difundidas como um dos componentes de fortalecimento das bases de ataque e defesa de diversos países por todo o globo, aproveitando os cães sobreviventes e treinando novos animais. Sakata (2015) diz:

(...) eles voltaram para os Estados Unidos, sendo assim desmilitarizados e direcionados para a prática de atividades policiais, circunstância em que propiciou uma disseminação do emprego do cão policial em todo o território americano, devido a evidente qualidade, em face do nível de adestramento e da experiência adquirida pelos

animais devido a participação no conflito bélico. (SAKATA; 2015, p. 180).

Na América do Latina, o precursor da atuação canina nos moldes norte-americanos e europeus foi a Argentina, que na acolhida de refugiados Alemães após a Segunda Guerra Mundial, recebeu diversos exemplares de cães de guerra; assim que reconhecidos, foram encaminhados para terem suas habilidades aperfeiçoadas. Logo, os chamados Pastores Alemães foram sendo difundidos por entre os países latino-americanos, dentre eles o Uruguai, Chile e o Brasil, já em meados da década de 40 (quarenta) pelas Polícias Militares dos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Segundo Sakata (2015), o quadro canino brasileiro era composto por 4 (quatro) cães, sendo 2 (dois) deles advindos da Argentina.

Em 1950, foi inaugurado o Canil da Força Pública de São Paulo, sendo somente no ano de 1967 recebido o título oficial de Companhia de Cães de Polícia. Apenas em 1970 é que foi oficializada a vinda dos Cães de Guerra às Organizações Militares da Polícia e do Exército no Brasil, ocorrendo ainda neste ano o intercâmbio de militares da Escola Veterinária do Exército Brasileiro e do Exército dos EUA, resultando no ano de 1973 no primeiro curso de Adestramento de Cães de Guerra do Exército Brasileiro. Na década que se seguiu, a Marinha do Brasil foi o órgão responsável pelo avanço dos cães em serviço militar, inaugurando canis do Agrupamento de Fuzileiros de Brasília e o Centro Tecnológico da Marinha de São Paulo, sendo atualmente compostos por 10 (dez) unidades abrigando aproximadamente 150 (cento e cinquenta) animais, enquanto a Força Aérea Brasileira dispõe de 100 (cem) cães distribuídos em 10 (dez) canis, atuando nas funções de proteção e guarda como também na busca e detecção de entorpecentes e explosivos.

3 EMPREGO DOS CÃES NAS ATIVIDADES MILITARES

Apesar das habilidades caninas terem se mantido as mesmas e até mais aperfeiçoadas quando comparadas às dos cães na antiguidade, as necessidades humanas acerca da sua utilização, mudaram ao longo da história. Atualmente, a eficácia canina no fortalecimento das atuações das Polícias Militares e Cíveis é indiscutível, pois as aptidões dos cães contribuem significativamente para com os objetivos dos agentes, elevando sua moral perante a sociedade e resultando em um trabalho executado com êxito.

Com suas capacidades olfativas, os cães são treinados para identificarem entorpecentes devem ser segundo a Enciclopédia do Cão (2001), “brincalhão, dinâmico e de tamanho médio”, justamente para que consiga alcançar locais de mais restrito acesso, escaladas etc. Seu treinamento consiste em tornar de um tubo de PVC, embebido com a substância a ser localizada, o objeto de divertimento favorito do cão. Em seguida, deve-se treiná-lo para a busca de seu brinquedo, aumentando o grau de dificuldade de sua localização gradativamente, concomitantemente, lhe é ensinado a cavar e enterrar seu brinquedo para que o cão desenvolva o hábito de o procurar desta maneira, segundo a ordem de seu treinador.

A raça mais utilizada para este trabalho é o Pastor Belga Malinois, pois apresenta um tamanho reduzido e instinto de vivo, já para o serviço de busca de explosivos, especialistas indicam também o Pastor Alemão, além do já citado, todavia, contendo um temperamento mais calmo, que realize as buscas sem agitação, sendo realizado o mesmo processo de treinamento. Para o farejamento de hidrocarbonetos aplicados nos casos de incêndios, o grau de dificuldade para o cão aumenta, pois o animal deve ser capaz de dispersar os agravamentos causados pelo fogo, muitas vezes tóxico.

A busca supera as dificuldades apresentadas devido a vontade do cão brincar e se relacionar com seu dono, após o encontro de seu brinquedo. Já no caso da busca por pessoas soterradas, os animais selecionados devem possuir caráter dócil e serem sociáveis para com todos, pois, será recorrente a busca juntamente com equipes numerosas. As raças mais empregas são os Pastores

Alemães e Belgas, bem como o Pequeno Pastor Pirineus, Doberman e o cão da raça Beauceron, demonstraram habilidades de farejo excelentes para este serviço.



Fotografia 6 - Cão na atividade de farejamento acompanhado de seu instrutor.

Fonte: Enciclopédia do cão (2001).

Para o aproveitamento da força e das habilidades físicas dos cães, os serviços de guarda e patrulha são os mais utilizados, pois o cão representa neste caso, um contendor com menor potencial ofensivo ao elemento a ser detido. Seu trabalho consiste em manter em vista a pessoa indicada por seu dono. Recomenda-se que este cão não demonstre agressividade, mas que seja obediente e vigilante, com exceção à regra da evasão de seu indicador a ser mantido. (ENCICLOPÉDIA DO CÃO, 2001). Acerca do uso seletivo da força na atuação do cão, Juliano José (2011) diz:

O uso seletivo da força, para as atividades policiais, está atrelado ao nível de resistência apresentado ao agente de segurança pública ou outrem, conforme a legislação em vigor. Os níveis de força apresentados farão com que o policial selecione a forma de emprego do cão, ou seja, use da forma mais adequada ao nível de resistência apresentado. (MIRANDA, JULIANO JOSÉ; 2011, p. 4).

Com isso, acorda-se que a utilização de cães nas Atividades Militares muito agrega à equipe e ao cumprimento de suas funções, devido às habilidades inatas de caça, faro, para além, seu porte físico, força e anatomia única, beneficiando assim, toda a comunidade receptora de seus serviços e treinamentos, de sua bondade e fidelidade pois, os cães almejam receber em troca de seus serviços apenas o amor e o cuidado de seus respectivos donos.

CONCLUSÃO

Ao longo da história da humanidade, o cão se fez presente na construção do futuro tal qual o conhecemos. Auxiliou na caça e na proteção dos povos, atuou na linha de frente em guerras e batalhas, farejou inimigos, soldados feridos e doou-se como nenhum outro animal foi capaz de demonstrar.

Com o passar dos anos, contudo, sua atuação não cedeu ao desuso, mas se adaptou às necessidades humanas demonstrando que a atuação dos cães é amplamente difundida e bem quista nos diferentes meios e tempos. A historicidade da atuação destes animais denota fidelidade, compromisso e amor àqueles a quem servem, resultando no fortalecimento de exércitos de guerras e no desenvolvimento da civilização humana.

Por fim, conclui-se que a domesticação do cão contribuiu positivamente à raça humana, pois com sua aptidão física, fidelidade e amorosidade única de sua espécie, trouxe somente o fortalecimento das intenções humanas ao longo dos séculos, trazendo mais facilidade e progressão às atividades que eram planejadas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Thiago Alves. **A seleção e o adestramento do pastor belga de malinois para a entrada tática e operações de contraterrorismo**. Rio de Janeiro, 2019.

BILAC, Olavo. **A Defesa Nacional**. Rio de Janeiro, 1917.

GUERREIRO, Abiaru C.C. **Emprego dos cães farejadores pelos batalhões de infantaria de selva no combate ao narcotráfico na faixa de fronteira amazônica**. Rio de Janeiro, 2017.

LOPES, K.R.F; SILVA, A.R. **Considerações sobre a importância do cão doméstico (*Canis lúpus familiaris*) dentro da sociedade humana**. Acta Veterinária Brasília, 2012.

MIRANDA, Juliano J.T. **O emprego do cão de polícia e o uso seletivo da força**. 2011.

NOTOMI, Márcia Kikuyo. et al. **Cães militares: características, habilidades e cuidados com a saúde**. Goiânia, 2020.

ROYAL CANIN. **Enciclopédia do Cão**. 2001.

SAKATA, M. V. A. **O emprego do cão farejador no cumprimento de mandados de busca e apreensão pela Polícia Militar do Estado de Mato Grosso**. Mato Grosso, 2015.

SILVA, Danilo Pereira. **Canis familiaris: Aspectos da Domesticação (Origem, Conceitos, Hipóteses)**. Brasília, 2011.

SIQUEIRA, Wanderson Nunes. **O emprego do cão farejador na localização de substâncias entorpecentes ilícitas**. Mato Grosso, 2010.